

[QUESTÃO GERAL]

Como as concepções de comunicação apresentadas por França & Simões (2016) e por Muniz Sodré (2014) contribuem para compreender a Comunicação como ciência e, simultaneamente, como um fenômeno social, relacional e histórico? Analise convergências e especificidades entre as duas abordagens e explique como os autores definem o objeto da comunicação.

Padrão-resposta:

A pessoa candidata deve enfatizar que compreender a comunicação exige abordagens que considerem tanto sua dimensão relacional quanto seu papel na constituição do comum. A complexidade do campo demanda reflexões que superem modelos instrumentais, reconhecendo a comunicação como processo social que articula sujeitos, práticas e modos de convivência e organização de um comum que envolve justamente partilhas e experiências com vistas a transformar uma realidade - e construí-la. Nesse sentido, os textos de França & Simões (2016) e de Muniz Sodré (2014) oferecem perspectivas complementares e ao mesmo tempo inovadoras para pensar a Comunicação como campo de conhecimento e seu objeto, aquilo que a particulariza para além de uma visão superficial como uma área interdisciplinar.

A pessoa candidata deve, em algum momento, fazer correlações aproximando e distanciando os autores. Para Vera França & Simões (2016), o objeto da Comunicação é relacional, constituído nas interações e nas práticas cotidianas que produzem sentido. É social, portanto, e possui uma dimensão histórica que é basilar para a compreensão do fenômeno. Essa concepção dialoga com a noção de Muniz Sodré (2014), que entende a comunicação como organização do comum, sustentada por vínculos, afetos e modos de presença compartilhada. Ambas as perspectivas convergem ao enfatizar que a comunicação funda o social, mas divergem no foco analítico: enquanto França & Simões (2016) se debruçam sobre a constituição do objeto e os desafios epistemológicos do campo, Sodré (2014) desloca o olhar para a dimensão ontológica da comunicação como base da vida coletiva. Assim, a comunicação é simultaneamente processo relacional e expressão do



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
EDITAL Nº 02/2025 - PROPEP-CPG/UFAL/PPGCOM (SELEÇÃO ALUNO
REGULAR)

comum, articulando microdinâmicas de interação e macroestruturas simbólicas de convivência.

As contribuições de Sodré (2014) ampliam o debate ao introduzir a transversalidade epistemológica, mostrando que a comunicação não pode ser reduzida a nenhum regime disciplinar estável ou materialidade específica. Sua ênfase na densidade simbólica do comum complementa a atenção de França & Simões (2016) às práticas interacionais e aos desafios da definição do objeto. Se França & Simões (2016) problematizam “o que é” o objeto comunicacional, Sodré (2014) desloca o problema para “o que a comunicação faz”, isto é, constituir coletividade e produzir vínculos.

É desejável que a pessoa candidata conclua sintetizando que aproximar essas perspectivas fortalece o campo da Comunicação, permitindo entendê-lo tanto a partir de sua definição epistemológica quanto como dimensão constitutiva da vida social.

[LINHA 1]

Com base na discussão sobre cosmopolítica (Hui, 2020) e plataformização (Poell, Nieborg & van Dijck, 2020), de quais maneiras as plataformas digitais têm reconfigurado a relação entre técnica, cultura e vida social? Em sua análise, considere aspectos estruturais (como infraestruturas, modelos de funcionamento, lógicas políticas e enraizamento social) e/ou conceituais envolvidos nessa reconfiguração.

Padrão-resposta:

A pessoa candidata deve enfatizar que compreender as tecnologias digitais contemporâneas exige integrar dimensões técnicas, econômicas, políticas e epistemológicas. As plataformas reconfiguram práticas sociais e institucionais, operando como infraestruturas que moldam modos de produção, circulação e interação. Poell, Nieborg & van Dijck (2020) demonstram que a plataformização envolve regimes privados de governança, padrões algorítmicos e lógicas de extração de dados que afetam diretamente a organização da vida social.

A pessoa candidata deve propor articulações entre os autores. Enquanto Poell, Nieborg & van Dijck (2020) descrevem como as plataformas estruturam ecossistemas sociotécnicos baseados em dependência infraestrutural e assimetrias de poder, Yuk Hui (2020) argumenta que essas tecnologias expressam uma cosmologia técnica específica (moderna e ocidental), orientada pela eficiência e padronização. Ambos contribuem para mostrar que a plataformização não é neutra, mas resultado de racionalidades técnicas hegemônicas.

Também deve apontar convergências e diferenças. Os primeiros enfatizam as dinâmicas materiais e econômicas das plataformas; já Hui (2020) destaca a dimensão filosófico-epistemológica, propondo a tecnodiversidade como alternativa à monocultura tecnológica. Juntos, revelam que compreender as plataformas exige olhar tanto para suas estruturas quanto para as visões de mundo que as sustentam.

A pessoa candidata pode indicar exemplos práticos, mostrando como análises de redes sociais, aplicativos ou serviços digitais podem articular efeitos materiais da plataformização



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
EDITAL Nº 02/2025 - PROPEP-CPG/UFAL/PPGCOM (SELEÇÃO ALUNO
REGULAR)

(visibilidade, vigilância, governança) com a crítica de Hui às cosmologias técnicas dominantes.

É desejável que a pessoa candidata conclua sintetizando que integrar esses autores permite compreender a plataformização como fenômeno sociotécnico e, ao mesmo tempo, como expressão de uma visão de mundo particular, posicionando a Comunicação como campo privilegiado para analisar disputas sobre técnica, poder e modos de vida no contemporâneo.

[LINHA 2]

A partir das discussões de Fiori (2024) e Spivak (2010), explique como a concepção de poder é fundamental para compreender as dinâmicas e fluxos globais de comunicação e informação em um contexto marcado por intensas disputas geopolíticas e discursivas que reforçam estruturas de dominação e subalternidade. Em sua análise, discuta as proximidades e distanciamentos entre as perspectivas dos autores, apontando os impactos das dinâmicas de poder na produção, circulação e consumo de informações a partir de narrativas totalizantes.

Padrão-resposta:

A pessoa candidata deve demonstrar como as dinâmicas de poder incidem sobre os fluxos globais de comunicação, impactando as macro e micro-estruturas das sociedades a partir de práticas organizativas no sistema global de expansão e exploração, mas também através de linguagens, epistemologias e subjetividades de grupos marginalizados. Mesmo partindo de tradições teóricas distintas, Spivak (2010) e Fiori (2024) constroem uma abordagem crítica aos processos de dominação e subalternização a nível macro e micro das sociedades, dialogando com a tradição marxista, mas indo além dela.

Nesse sentido, é preciso apontar as abordagens gerais sobre os autores e a interconexão entre eles, especialmente no que diz respeito à compreensão sobre poder e desigualdade como produtos historicamente construídos pelos grupos dominantes, o que é intensificado pelo capitalismo. Se, para Fiori (2024), o poder se ancora em macro-estruturas que funcionam a nível global, ainda que não atuem só na dimensão econômica (mas igualmente política), Spivak (2010) se ocupa em pensar o funcionamento do poder como discurso que incide sobre as micro-estruturas que atravessam os sujeitos através da linguagem e processos de subjetivação.

O subalterno surge como uma representação de um ente colonizado, historicamente situado às margens do sistema colonial e, por extensão, capitalista, não sendo possível compreendê-lo fora das dinâmicas de poder e comunicação que o produziram - e continuam a

produzi-lo - historicamente. Para a autora, o subalterno só pode falar à medida que sua voz é traduzida pela lógica dominante colonial. No âmbito da comunicação, vemos isso constantemente ser traduzido através de narrativas hegemônicas que constroem o sujeito subalterno como um outro universal, estranho à “civilização” eurocêntrica.

Espera-se que as respostas explorem os diferentes pontos de vista dos autores naquilo que contribuem para os estudos de comunicação, demonstrando como a interdisciplinaridade da abordagem comunicacional (mas não só ela) que se vale de leituras como essas possam explicar as disputas globais de sentidos e poder que naturalizam as perspectivas dominantes. De um lado, a partir das macro-estruturas do poder global (Estados, hegemonias, sistema capitalista), de outro, trazendo as micro-estruturas de poder e linguagem que operacionalizam processos de silenciamento e colonialismo epistêmico

As pessoas candidatas devem, no mínimo, identificar: quem domina o poder global controla narrativas; quem ocupa posições subalternas tem sua fala mediada, deslegitimada ou apagada; entender como síntese que a comunicação é um instrumento e efeito das relações de poder global.